

# **«A santidade não é para supermulheres nem super-homens, é para gente de carne e osso»**

Durante a sua visita à Colômbia, Monsenhor Fernando Ocáriz, prelado do Opus Dei, conversou com a SEMANA sobre a abertura da Igreja Católica e a crise de vocações no mundo, entre outros temas. Sublinhou a importância de recuperar a esperança.

23/08/2024

**No 50.º aniversário da catequese de São Josemaria na América Latina, volta a visitar a região. Acha que a realidade do Opus Dei nestes países anda perto do sonho de Escrivá?**

Quando São Josemaria esteve na América, animou a sonhar com grandes aventuras de serviço cristão. Sem obviar as dificuldades e erros humanos, dou graças a Deus pelo crescimento do Opus Dei na Colômbia e no resto do continente. Ao mesmo tempo, a lógica de Deus permite olhar com mais perspetiva os resultados humanos, os números e os êxitos ou fracassos externos, pois o essencial é facilitar que se dê um encontro com Jesus Cristo no coração de muitas pessoas, e isso só Deus o pode ver.

# **Que espera do Opus Dei nos próximos 50 anos?**

Projetado no tempo, gostava que o Opus Dei fosse propagador de amizade, de fé manifestada em obras, de liberdade de espírito e de criatividade para levar a cabo a missão evangelizadora da Igreja e colaborar na construção de uma sociedade justa.

Aceda ao artigo na revista SEMANA

**Em que consiste o serviço que um membro da Obra – como também é chamado o Opus Dei – pode prestar à Igreja?**

A vocação específica dos membros do Opus Dei – que, na sua grande maioria, são leigos, só 2% são sacerdotes – chama a um encontro pessoal com Cristo na família, no trabalho, nas relações sociais, sabendo que a busca da santidade não é para supermulheres nem

super-homens, mas para gente de carne e osso, com acertos e erros. A “santidade no meio da rua” que São Josemaria pregava impele a procurar soluções dignas para os problemas de cada contexto e de cada tempo.

## **Qual é ou deve ser o papel dos leigos na Igreja?**

Como destacou o Concílio Vaticano II, aos leigos pertence, por vocação própria, a tarefa de vivificar cristãmente os assuntos temporais: ou seja, o trabalho, a família, o comércio, a cultura, etc. O seu papel é contribuir para a santificação do mundo, refletindo um pouco o amor de Cristo em cada lugar e circunstância; e é aqui que resta muito caminho por percorrer. Penso, por exemplo, na formação dos leigos em bioética ou em justiça social, na sua consciência de serem protagonistas na evangelização. A missão do leigo não se esgota na

“ocupação de lugares” em estruturas eclesiais.

**Em 1946, quando São Josemaria pediu a aprovação jurídica do Opus Dei, disseram-lhe que tinha chegado com um século de antecedência. Tendo em que a Obra se aproxima do seu primeiro centenário, acha que a reforma aos seus estatutos, pedida pela Santa Sé, se relaciona com aquela resposta dada ao fundador?**

Em 1946, o Opus Dei estava estabelecido em quatro países e hoje em 70. Nessa altura, tornava-se surpreendente uma mensagem dirigida especialmente aos leigos sobre a busca da santidade no meio do mundo e era visto como antecipatório, apesar do seu enraizamento no Evangelho. Posso garantir-lhe que a modificação atual dos estatutos solicitada pelo Santo Padre se está a realizar,

precisamente, com este critério fundamental de se ajustar ao carisma, que hoje é mais compreendido e compartilhado. O direito, tão necessário, segue-se à vida, à mensagem encarnada, para dar apoio e continuidade à vida.

**Na sua maioria, os membros do Opus Dei são mulheres, e maioritariamente casadas. Como dar mais brilho a quem entrega a sua vida a Deus no matrimónio?**

O matrimónio é um caminho de santidade: no Opus Dei, todos os membros –casados, solteiros ou celibatários– compartilhamos uma mesma vocação, missão e responsabilidade. Os casados vivem com a consciência de que o seu amor a Deus passa através da sua família, amizades e tarefa que desempenham no mundo. Isto tem um enorme potencial transformador de serviço. Quanto às mulheres, que como

refere, são maioria, São Josemaria entendeu que, sem elas, a Obra estava incompleta. Não se entenderia o Opus Dei sem o seu contributo insubstituível, tal como não se entende a família, o mundo do trabalho ou a vida social sem elas.

**O Papa Francisco descreveu a crise de vocações como uma “hemorragia para a Igreja”. No seu caso, entregou a vida a Deus muito novo e depois ordenou-se sacerdote. Porque é hoje mais difícil que as pessoas considerem a vocação ao celibato apostólico?**

O mundo atual enfrenta o desafio de voltar a acreditar no compromisso; num amor para toda a vida que enche de alegria e de liberdade. Para muitos, o compromisso aparece como um limite, quando na realidade Deus abre sempre horizontes luminosos. Diria que é fundamental recuperar a virtude da esperança.

**“Na Igreja há espaço para todos”, disse o Papa Francisco na Jornada Mundial da Juventude 2023 em Lisboa. Que significa exatamente essa abertura e como pode o Opus Dei dar a entender essa mensagem?**

O próprio São Paulo afirma que Deus quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade. O Papa indicou esta universalidade como um eixo central do seu magistério. São Josemaria falava aos seus filhos espirituais de ter os braços abertos a todos. Num tempo de polarização, divisões e muros, nós, os seguidores de Cristo temos um caminho muito claro marcado para recorrer.

**No Opus Dei, há pessoas de todas as idades. Que pode fazer, como Padre e Prelado, para fomentar la cooperação intergeracional na Obra?**

Na minha casa, em Roma, convivemos desde uma pessoa de 102 anos até outra que ainda anda pelos 30. Entre outras muitas cosas, os mais velhos contribuem com a sua experiência, os jovens, com os seus sonhos e vitalidade. Devíamos enfrentar a vivência intergeracional com afeto, sabendo que por vezes implica sacrifícios pelas duas partes.

**Algumas pessoas do Opus Dei são reconhecidas pelo seu contributo à sociedade, como colégios, universidades e obras sociais. No entanto, também enfrentam narrativas que se lhes opõem. Por que acha que surgem estas narrativas e como contrapor-se-lhes?**

Por vezes penso que estas narrativas que menciona nos ajudam a purificar-nos da tentação de pensar que não precisamos de corrigir nada e, ainda mais, de nos sentirmos

satisfeitos. Como todos, necessitamos de refletir sobre o bem que queremos fazer e sobre o que realizamos efetivamente. O nosso fundador, de facto, avisava-nos de que a Obra devia viver “sem glória humana”.

Por outro lado, é natural que haja visões diferentes, porque há muitos modos de fazer e de entender as coisas. As opiniões contrárias podem ser uma ajuda quando são sinceras; permitem-nos pedir perdão e corrigir-nos. Gostava de que todo quele que se aproximar dessas atividades possa ver que aí se trata de semear paz e alegria.

Pessoalmente, alegra-me comprovar que quase todos os dias do ano recebemos algum pedido de admissão no Opus Dei de pessoas que anteriormente fizeram parte da Obra, e que fosse por que razão fosse, se desvincularam. Notícias como

estas são uma carícia de Nosso Senhor, que em certo sentido superam certas “narrativas” excessivamente dicotómicas.

**No ano que vem, vai realizar-se o Jubileu dos Jovens em Roma. Qual lhe parece ser o maior desafio que os jovens enfrentam atualmente para se aproximarem de Deus como um ideal atraente?**

Só Cristo é a resposta a todas as questões que os jovens guardam hoje nos seus corações e o amor de Deus Pai, quando se abrem a Ele, é capaz de curar as feridas e fragilidades. Talvez sejamos antes os adultos que temos que nos perguntar se estamos a ser capazes de compreender os jovens. Naturalmente, o testemunho de uma vida coerente também é essencial para mostrar o atrativo de uma vida junto de Cristo.

---

Aceda ao artigo na revista SEMANA

*Por Nicolás López Martínez. Revista SEMANA*

Redacción SEMANA

---

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/a-santidade-nao-e-para-supermulheres-nem-super-homens-e-para-gente-de-carne-e-osso/> (19/01/2026)